

ATUALIDADES E CURIOSIDADES

Palestinos, judeus e árabes: o nome *palestinos* deriva de “filisteus”. Estes vieram da ilha de Caftor (Creta, Grécia), no sul do Mar Egeu, entre 1700 e 1200 a.C., chegando à região que hoje é Israel, encontrando o povo de origem cananéia que habitava o lugar. Canaã foi, em seguida, conquistada pelos hebreus. Mas a palavra *Palestina* foi usada como uma designação genérica, pejorativa, para a terra de Israel, pelos romanos, por volta de 135 d.C. Ao povo judeu eles deram o nome dos inimigos ferrenhos do povo de Israel, os filisteus, que, no entanto, eram descendentes de Casluim (Gen 10:14), que foi filho de Mizraim, este filho de Cão, e este filho de Noé. Hoje, são chamados de palestinos apenas os árabes da região que abriga Israel, mas o termo foi usado inicialmente, pelos romanos, para referir-se aos judeus em geral. Porém, como foi comprovado por recente pesquisa genética envolvendo o exame do DNA, do cromossomo Y, de 1300 homens entre judeus e árabes de 30 países diferentes, eles têm uma origem comum, ou seja, são irmãos. Os árabes devem mesmo ser descendentes de Ismael, filho de Abraão e Hagar. Contudo, Deus predisse (Gen 16:12) que Ismael seria um homem feroz, talvez um prenúncio do violento extremismo islâmico, árabe, que tem se verificado no mundo. Mas devido ao forte parentesco com os judeus, se poderia chamar os árabes que habitam Israel e proximidades de palestinos já que os judeus foram assim denominados há muito tempo. O que não é apropriado é chamar de palestinos apenas os árabes, o que se configura como mais uma forma de anti-semitismo no mundo, pois assim fazendo, passa-se a falsa impressão de que os árabes palestinos são os mais antigos na região ao passo que os judeus seriam os “intrusos” mais modernos, o que não corresponde à verdade.

O Código da Vinci e a Bíblia: o livro *best-seller* Código da Vinci, agora retratado em filme, traz um alerta do autor comentando que as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos no romance correspondem rigorosamente à realidade. No entanto, uma análise criteriosa do conteúdo da obra, já feita não só por religiosos mas por várias autoridades e pesquisadores em religião, história, arqueologia, etc., mostra inúmeras falhas e inverdades na mesma, colocando-a no seu verdadeiro lugar, que é uma obra apenas de ficção. Mas o enorme contingente de pessoas que já leu o livro e tantas outras que assistiram o filme, poderão permanecer com a danosa e falsa impressão de que o romance aborda a realidade e que faz sentido. Em verdade, ele deriva apenas da imaginação fértil do autor que, incrivelmente, declarou em entrevista que a mensagem contida no seu livro é verdadeira. A popularidade do livro advém da fascinação despertada nas pessoas com as teorias de conspiração principalmente quando relacionadas às instituições religiosas e ao cristianismo (no caso, o questionamento da própria divindade de Jesus). O romance destaca antigas colocações gnósticas e reforça idéias nova-erenses sobre a vida de Jesus e os primórdios da igreja cristã. O Código Da Vinci faz uso de falsificações grosseiras proferidas por autoridades fictícias, cita fontes e revela informações incorretamente, apresenta fatos não comprováveis, etc., não refletindo, portanto, verdadeiros valores históricos nem teológicos. Ele tem grande poder de entretenimento mas é anti-bíblico. A Bíblia, nesse caso, nos alerta contra aqueles que nos perturbam querendo perverter o evangelho de Cristo, afirmando que quem pregar outro evangelho seja anátema (Gálatas 1: 6-8).

“*Sei em quem (Jesus) tenho crido*”: palavras do apóstolo Paulo à Timóteo (2Ti 1:12).



Ano 1
Número 1

Maio de
2006

Retendo
firme
a fiel
palavra
(Tito 1:9)

Contatos:
infocristao
@yahoo.
com.br

Fortaleza,
Ceará,
BRASIL

Informativo Cristão

Desde o nascimento
do sol até o ocaso,
seja louvado o
nome do Senhor
(Sal 113:3)

Tel-Aviv, Israel

A BÍBLIA

Muito antes do filósofo grego Anaximandro (discípulo de Tales de Mileto), considerado o fundador da astronomia, rejeitar a antiga idéia de que algo material suspendia ou apoiava o nosso planeta nos céus, o livro bíblico de Jó já mencionava que a Terra estava suspensa sobre o nada (Jó 26.7).

Recentemente, fantásticas descobertas astronômicas, feitas à medida que se observa mais longe, i.e., recuando em direção ao início do nosso universo, têm mostrado galáxias maduras (completamente desenvolvidas), grandes, massivas, com estrelas velhas, onde esperar-se-ia encontrar somente galáxias muito jovens, em formação. Também foram encontrados aglomerados de galáxias quando se esperava que não teria havido tempo para eles se formarem. Esses achados surpreendentes abalam a teoria cosmológica evolutiva, atualmente aceita, de formação do universo, porém concordam plenamente com a premissa bíblica de que Deus teria criado o nosso universo com aparência semelhante a de hoje, ou seja, com objetos celestiais já totalmente desenvolvidos e não apenas em estágios iniciais de formação.

A Bíblia, ainda em Jó (28.26), já dizia que Deus determinou leis para a chuva e caminho para o raio. Ora, a chuva segue as leis formuladas pelas modernas ciências da meteorologia e da física de nuvens e o raio percorre o “canal” do raio (de plasma, ionizado e altamente condutor) que só recentemente começou a ser melhor compreendido pelo conhecimento humano.

Esses poucos exemplos ilustram, rapidamente, a sabedoria contida na Bíblia que consiste de uma coleção de livros escritos por homens comprovadamente inspirados por Deus.



O QUE É A IGREJA DO SENHOR?

A epístola do apóstolo Paulo aos Hebreus no seu capítulo 12, verso 23, inspiradamente esclarece que a verdadeira igreja é “a universal assembléia dos primogênitos que estão inscritos no céu”. A primogenitura, aqui, expressando a importância, o privilégio, dos que foram inscritos no céu. Atos 2:47 explica que o Senhor acrescenta à igreja os salvos, isto é, aqueles inscritos no céu, conforme o verso anterior. Dessa forma, observa-se que a igreja do Senhor é formada, unicamente, pelos salvos, isto é, pelas pessoas que alcançaram a salvação por meio de Jesus.

A Bíblia, palavra santa de Deus, ainda nos assegura que podemos ter certeza de nossa salvação. Paulo, por exemplo, em 1Co 1:18, enfatiza que “...a palavra da cruz é deveras loucura para os que perecem; mas para nós, *que somos salvos*, é o poder de Deus” (versão João Ferreira de Almeida). Outras traduções apresentam este verso como “... mas para nós, que estamos salvos” ou “... que estamos sendo salvos”. Além do fato de que o Espírito Santo nos testifica de nossa salvação, o estudo do versículo acima, não só nas traduções para a nossa língua mas também no grego, bem como de 2Co 2:15, dentre outros, nos garante que a Palavra de Deus se refere aos que estão encontrando sua salvação agora, no presente momento, enquanto vivos, e não que vão ser salvos somente após um longo processo que finaliza, talvez, só depois da morte física, como apregoam algumas instituições religiosas.

Assim, a igreja do Senhor é formada pelo povo de Deus em todos os séculos, o conjunto total de crentes salvos. É também todo o povo de Deus no mundo, em determinada época, e as comunidades locais dos cristãos (salvos) reunidos para a adoração e ministério. Ela não é, pois, um templo e nem uma instituição religiosa.

Por fim, a igreja do Senhor é uma só, apesar de certa diversidade nela encontrada, diversidade essa apenas em questões secundárias e não nos fundamentos principais. Ela é santa, separada para Jesus. É também católica, no sentido que reconhece a fé ortodoxa, universal, da crença em Jesus como Salvador e Senhor e do batismo como profissão de fé. Ela é, ainda, apostólica, ou seja, edificada sobre o fundamento dos apóstolos, conformada à fé apostólica, reconhecendo a autoridade das escrituras apostólicas e difundindo-as de geração em geração para a salvação dos homens.

O QUE É ORAÇÃO?

O vocábulo “oração” significa “uma palavra dirigida a alguém” e, naturalmente, esse alguém deve ser Deus. Essa palavra tem de ser espontânea, sem se fazer uso de vãs repetições (Mat 6:7). Ela não deve ser apenas uma solicitação ao Pai que está nos céus, por meio do Filho, mas representar uma comunhão com Deus, um intercuro pessoal, uma conversa, com o Senhor (e não somente o ato de falhar-lhe).

Assim, com a oração buscamos não apenas obtermos aquilo que desejamos ou precisamos, não apenas ficarmos livres do mal, etc., porém almejamos conhecer melhor a Deus e ao seu imenso amor que Ele tem por nós. A oração nos revela mais de Deus. Um sábio poeta declamou, certa vez:

A oração é o desejo sincero da alma
Expresso ou não,
O movimento de uma chama escondida
Que tremula no coração.

Davi dizia que elevava a sua alma ao Senhor (Sal 25:1) quando orava. E quando fazemos isso, Deus tem a oportunidade de realizar o que deseja em nós e conosco.

Alguém falou, lindamente: “A oração é o momento em que os céus e a terra se beijam”. Ela é um senso da presença de Deus e representa buscar antes o Doador que a sua dádiva. Naturalmente, sabemos que Deus deseja que peçamos. A oração pode ser o veículo para o suprimento das nossas necessidades, mas ela se constitui num excelente meio para compreendermos a glória de Deus e nos relacionarmos intimamente com Ele, e não apenas o caminho para a obtenção de sua preciosa graça.

A oração é, afinal, um sinal de vida espiritual pois nossa espiritualidade e produtividade na obra cristã estão em proporção às nossas orações.

Orar é um dos nossos mais altos privilégios e uma das nossas mais sérias responsabilidades.

“Senhor, ensina-nos a orar” (Luc 11:1).

